

LIÇÃO Nº 3 - A VERDADEIRA ADORAÇÃO

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 19/04/2025.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

- Começar falando do Evangelho de João: diferenças para os demais (sinóticos): tempo da escrita; contextos bem diversos; João complementa os demais.
- Estimular os alunos a lerem o Evangelho de João durante este trimestre: apenas 21 capítulos.
- Na aula de hoje estudaremos sobre a verdadeira adoração, baseada na história do capítulo 4 do Evangelho de João, conhecido episódio em que Jesus conversa com a mulher samaritana.
- Notar primeiramente a similitude desta conversa de Jesus com a mulher samaritana com a conversa de Jesus com Nicodemos, relatada no capítulo 3, objeto da aula passada: em ambas Jesus usa de meios comuns (carnais) para explicar as coisas espirituais, tendo em vista a dificuldade de ambos (Nicodemos e a mulher samaritana) de entender as coisas espirituais.
- É fácil entendermos a dificuldade da mulher samaritana em entender as coisas espirituais, tendo em vista que ela era, provavelmente, uma mulher não muito versada no estudo das Escrituras, Já Nicodemos, que era Mestre em Israel, deveria estar mais familiarizado com as coisas espirituais, mas até Jesus se espantou pelo fato de ele não as entender.
- Este fato nos ensina que a maioria das pessoas, infelizmente, não está familiarizada com as coisas espirituais. E, portanto, para nós pregarmos a palavra de Deus, precisamos nos esforçar para explicar a elas as coisas espirituais, seguindo o exemplo de Jesus: começando com coisas comuns (carnais), para chegar às espirituais de forma que elas entendam.
- Precisamos notar também que ambos os diálogos (com Nicodemos e com a mulher samaritana) só são registradas por João. Nem Mateus, nem Marcos, nem Lucas registram esses diálogos. E a explicação para isso deve estar nas diferenças entre os Evangelhos de João e dos demais que expusemos no início.
- E, além daquelas diferenças, também deve ser considerado o fato de que esses diálogos foram de difícil assimilação para os discípulos, pois rompia com os arraigados preconceitos culturais da época. Por isso, é provável que o Espírito Santo tenha deixado o registro desses diálogos para um momento posterior, mais oportuno, quando o povo judeu já vivia um estado adiantado de diáspora. Nesta fase a igreja necessitava de demonstrações eloquentes do amor de Jesus e da Sua humanidade, que se mostram bem evidenciadas neste encontro do Senhor com aquela mulher.
- O capítulo 4 de João começa com a informação de que Jesus resolveu deixar a Judeia em meio a uma intriga que se queria criar entre Ele e João Batista, e seus respectivos discípulos. Notemos que essa possível intriga viria dos fariseus, não de João Batista, nem de seus discípulos.

- João Batista, ao contrário, sempre tinha apoiado o ministério de Jesus, inclusive deixando claro que Ele era o Cristo, não o próprio João, e que importava que Jesus crescesse e que ele (João) diminuísse (Jo. 3.30).

- Mas, em razão dessa possível intriga que estava surgindo, Jesus achou melhor (certamente conduzido pelo Espírito Santo) deixar a Judeia e seguir de volta para a Galileia.

- Temos aqui uma importante lição: devemos evitar intrigas e contendas entre os que realizam a obra de Deus. Mesmo que tenhamos convicção de estar fazendo o certo, podemos abrir mão de alguma coisa para evitar contenda. Não foi só Jesus que nos deixou este exemplo. Temos também o exemplo de Abraão, que, em razão da contenda de seus pastores com os pastores de Ló, propôs a separação entre eles, permitindo que Ló escolhesse o local de sua preferência. E também temos o exemplo de Paulo e Barnabé, que se separaram na segunda viagem missionária para evitar contenda entre eles por causa de João Marcos. Se não é possível fazermos a obra de Deus juntos sem brigar, é melhor nos separarmos do que a obra sair prejudicada.

- Jesus foi então para a Galileia. Jo. 4.4 diz que “era-lhe necessário passar por Samaria”. E aqui precisamos nos deter para explicar o que está subentendido nesse texto. Samaria ficava no caminho entre a Judeia e a Galileia, conforme o mapa:

- Mas os judeus jamais passavam pela Samaria para transitarem entre a Judeia e a Galileia. Ao contrário, eles saíam de Jerusalém para Jericó, atravessavam o Jordão, ingressando na Pereia, seguindo para o Norte, para depois atravessar o Jordão novamente para seguir para a Galileia. O mesmo faziam na volta. Notem que o trajeto ficava bem mais longo do que se fossem diretamente pela Samaria, além de terem que atravessar duas vezes o Jordão.

- E por que eles faziam isso? Porque existia uma rixa histórica entre judeus e samaritanos. Pra entendermos esta rixa, temos que voltar lá no tempo dos reis. Vamos lembrar que Roboão, filho de Salomão, causou a divisão do reino de Israel, separando o reino do Sul, chamado de Judá, que ficou sob o reinado da dinastia de Davi, com Roboão e seus descendentes, do reino do Norte, chamado de Israel, que ficou inicialmente sob o reinado de Joroboão (1Rs. 12).

- O reino do Sul permaneceu com sua capital em Jerusalém. O reino do Norte teve sua primeira capital em Siquém (1Rs. 12.25), que não se confunde com a Sicar referida em Jo. 4, que também é chamada de Siquém, mas não é a mesma cidade. Mas anos depois, Onri (pai de Acabe) transferiu a capital para Samaria (1Rs. 16), que era então uma cidade, não uma região, como depois se tornou.

- Em 753 a.C., sob o reinado de Oséias no reino do Norte, o rei da Assíria Salmaneser levou os israelitas do reino do Norte para a Assíria, e trouxe da Assíria para Samaria outros povos, que se misturaram com os israelitas que ali permaneceram, formando um povo misturado que foi chamado de samaritanos. Os samaritanos mencionados no Novo Testamento são descendentes dessa mistura de povo que habitou essa região de Samaria.

- O conflito entre os judeus e esses samaritanos começou ali, já que os judeus nunca admitiram mistura com os demais povos. E esse conflito se agravou depois por várias razões: 1) quando os judeus voltaram do exílio na Babilônia, por volta de 520 a.C., sob a liderança de Zorobabel, os samaritanos queriam ajudar na reconstrução do templo em Jerusalém, mas os judeus não permitiram (Ed. 4); 2) depois houve novo conflito entre eles quando Neemias veio a Jerusalém para reedificar os muros de Jerusalém, ao que os samaritanos, liderados por Sambalate, se opuseram firmemente (Ne 2.10; 4.1-3); 3) depois, no período intertestamentário, os samaritanos construíram um templo rival ao de Jerusalém no monte Gerizim (local mencionado em Jo. 4); 4) também no período intertestamentário, os samaritanos instigaram Alexandre o Grande (rei da Grécia) a marchar contra Jerusalém, que só se livrou da destruição pela estratégia do sumo-sacerdote da época, chamado Jado; 5) mais tarde, ainda no período intertestamentário, entre os anos 129 e 128 a.C., os judeus, sob o reinado de Hircano I, um dos reis macabeus, destruiu o templo do monte Gerizim, e destruiu a própria cidade de Samaria, que foi depois reconstruída por Herode, o Grande, mas não o templo.

- Daí a rivalidade existente entre judeus e samaritanos nos tempos de Jesus. Essa rivalidade, além de ser mencionada na Bíblia, é citada também por Flávio Josefo, um historiador judeu do século I d.C., não cristão.

- Essa rivalidade era tamanha, que chamar um judeu de samaritano era um xingamento comum na época. O próprio Jesus foi xingado de samaritano pelos fariseus (Jo. 8.48).

- Por causa dessa rivalidade é que os judeus não falavam com os samaritanos (Jo. 4.9). E também é por causa dessa rivalidade que os judeus não passavam pela Samaria quando iam à Galileia ou voltavam de lá.

- Mas daí João diz que “era-lhe necessário passar por Samaria” (Jo. 4.4). Texto surpreendente, porque nenhum judeu considerava necessário passar por Samaria, mesmo sendo este o caminho mais curto para a Galileia. Que necessidade era essa?

- Só podemos entender essa necessidade sob o prisma espiritual. Jesus considerou necessário passar por Samaria tendo em vista a grande colheita de almas que Ele faria em Sicar. Só isso explica essa necessidade.

- Jesus estava alheio a esses preconceitos raciais que os judeus tinham. Tanto é assim que, quando Ele foi xingado de samaritano, Ele ignorou esse xingamento (embora tenha no mesmo momento refutado o outro xingamento, de que tinha demônio), porque Ele não considerava isso um xingamento. Vejamos Jo. 8.48-49: “Responderam, pois, os judeus e disseram-lhe: Não dizemos nós bem que és samaritano e que tens demônio? Jesus respondeu: Eu não tenho demônio; antes, honro a meu Pai, e vós me desonrais”. Vejam que Ele foi xingado pois dois fatos ao mesmo tempo: chamado de samaritano e acusado de ter demônio; Ele negou que tinha demônio, mas não se preocupou de ser chamado de samaritano (embora Ele não o fosse), porque não considerava isso uma ofensa.

- Jesus estava preocupado com a necessidade de todos os homens serem salvos, não importava qual fosse a raça. Um judeu comum jamais pensaria na salvação dos samaritanos, mas Jesus pensava, e considerou necessário passar por Samaria para prover salvação para aquela cidade.

- Além deste, havia um outro motivo para Ele considerar necessário passar por Samaria: Ele precisa ensinar algumas coisas a Seus discípulos, como adiante veremos.

- Infelizmente, não apenas os discípulos tiveram dificuldade de aprender essas lições, resistindo bastante a pregar aos gentios, como vemos no livro de Atos, como toda a igreja, ao longo destes séculos, tem tido dificuldade em aceitar este ensinamento de Jesus de que a salvação é para todos.

Texto Áureo:

Jo 4.24

Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

João 4.5-7,9,10,19-24

5 Foi, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José.

6 E estava ali a fonte de Jacó. Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isso quase à hora sexta.

- Séculos de história são trazidos ao cenário (cf. Gn 33.19; 48.22; Js 24.32). O objetivo evidente é mostrar que os procedimentos antigos, identificados com Jacó e José, e até mesmo a fonte de Jacó, só adquirem significado e só se cumprem em Cristo Jesus. A maioria das autoridades concorda que Sicar é identificada como a atual aldeia de Askar, ao pé do monte Ebal. Ela está situada cerca de 800 metros ao norte da fonte de Jacó (ver o mapa 1). Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isso quase à hora sexta (6). Da mesma maneira como é cuidadoso para mostrar a divindade de Jesus, João toma cuidado para destacar a sua perfeita humanidade. Jesus estava cansado da viagem e sentou-se (cf. 1.14; 19.28; Hb 4.15). A expressão assentou-se contém um advérbio que significa “desta maneira”, o que já provocou várias interpretações. Uma é que esta história de Jesus e da samaritana foi contada muitas vezes. Quem a conta poderia demonstrar, ao chegar neste ponto, a postura de Jesus. Jesus... assentou-se assim — i.e., desta maneira — junto da fonte. Era isso quase à hora sexta — i.e., era quase meio-dia, sob o calor do dia e à hora do almoço (cf. 4.8).

7 Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber.

- A Água Velha e a Nova (4.7-15). A hora e o lugar estão claros. No palco, por assim dizer, está a Figura central, completamente Deus e completamente homem, aquele que conhece todos os homens (2.25). Para a fonte, vem uma mulher de Samaria tirar água (7). A mulher mal suspeitava que neste dia, enquanto estivesse envolvida com a cansativa rotina de carregar água, chegaria o maior tesouro da sua vida (cf. Mt 13.44). Ela nem sequer poderia imaginar que se tornaria a “evidência B” no Evangelho de João, exemplificando que Jesus realmente “sabia o que havia no homem” (2.25). A palavra água introduz o tema do diálogo que vem a seguir, e no final se eleva para “significar a água da vida eterna” (cf. 1.33; 2.6-7; 3.5).²⁷ Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber (7). Neste supremo exemplo de testemunho pessoal, Jesus inicia a conversa em um ponto em que a mulher poderia entender, em alguma coisa em que ela já estivesse pensando.

9 Disse-lhe, pois, a mulher na: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)?

- A resposta da mulher a Jesus foi natural, por causa da hostilidade histórica entre os judeus e os samaritanos, e por causa de um choque contra a moralidade de costumes: o fato de Ele, um homem, pedir alguma gentileza a uma mulher estranha. A palavra original para comunicar “sugere as relações familiares, e não as de negócios”. A resposta de Jesus à mulher afirmou a ignorância dela sobre a sua verdadeira natureza e, ao mesmo tempo, despertou nela uma profunda curiosidade.

10 Jesus respondeu e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus e que é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

- A palavra para dom, dorea, transmite a ideia de “presente gratuito”, ou seja, um presente incondicional (cf. 3.16). “Dom aqui é uma palavra régia, usada como uma referência aos favores de um rei ou de um homem rico. Ela é sempre aplicada ao dom do Espírito no livro de Atos”.²⁹ O próprio Senhor é como esse Dom! Mas a mulher não sabia disto. Se o soubesse, teria feito o pedido e Ele a atenderia. O que ela e todos os que pedem com fé poderiam receber é a água viva. Com que cuidado Jesus a levou de onde estava — pensando na água da fonte de Jacó — a um conceito mais

elevado e satisfatório! A Água viva é aquela que é “perene, que jorra de uma fonte inesgotável, sempre fresca”.³⁰ Isto ele... daria a ela. Assim, a atenção dela é levada da água até Ele — o que o coloca em um contraste imediato com Jacó e com tudo o que está associado a ele.

19 Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta.

- Esse tipo de conhecimento, e não meramente uma previsão, é a principal característica dos profetas”. Neste diálogo existe um excelente exemplo da progressão dos ensinamentos em estágios — a água (4.7), a água viva (4.10), uma fonte de água (4.14). Eles acompanham uma progressão na compreensão da natureza de Jesus — um judeu (4.9), um profeta (4.19), o Cristo (4.29) (cf. 9.11,17,38).

20 Nossos pais adoraram este monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.

- Tendo admitido o conhecimento de Jesus a seu respeito, a mulher rapidamente mudou o assunto da conversa para um tema que seria mais seguro para ela, e ao mesmo tempo estaria no âmbito de um profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar (20). Esta afirmação reflete um apelo à própria religião que ela professava. Nossos pais adoraram neste monte. Isto reflete também uma tentativa de usar as diversidades e as divisões dentro da religião. A expressão e vós dizeis funciona como uma desculpa para os seus próprios fracassos na vida. Este é um antigo padrão que é utilizado até mesmo em tempos modernos. Neste monte. O Monte Gerizim tinha um papel significativo na tradição dos samaritanos. Aqui “Abraão preparou o sacrifício de Isaque, e aqui também... ele encontrou Melquisedeque... e no Pentateuco samaritano, Gerizim, e não Ebal, é a montanha onde se erigiu o altar (Dt 28.4)”.³²

21 Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.

- A questão sobre onde adorar foi respondida pela clássica frase de Jesus sobre a natureza da verdadeira adoração, relacionada com a sua missão. A expressão a hora vem (21,23) deve ser interpretada em termos do seu completo sacrifício, que tornaria possível a verdadeira adoração (cf. 2.4; 7.30; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1). A hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai (21). Esta afirmação também está relacionada com a destruição dos próprios templos dedicados à adoração. O Templo de Jerusalém foi destruído em 70 d.C., e Hircano tinha destruído o templo dos samaritanos em Gerizim em 129 a.C.

22 Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos, porque a salvação vem dos judeus.

- Vós adorais o que não sabeis (22). Os samaritanos rejeitavam todo o Antigo Testamento, exceto o Pentateuco. A avaliação de Jesus da inferioridade dos seus ritos e adoração se reflete no uso do termo neutro o que. O objeto da sua adoração era impessoal, pouco compreendido e vago, não apenas para a mulher, mas também para todos os da sua nação. Não existe uma adoração genuína baseada na ignorância ou no que não se conhece. Tais práticas levam ao fanatismo ou ao legalismo humanístico. Por outro lado, os judeus, com quem Jesus se identificava, são reconhecidos como o instrumento da revelação de Deus: Nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus (22).

23 Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem.

24 Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.

- Agora é o momento para que as antigas formas, limitadas em termos de lugar e de nação, sejam transformadas em uma adoração que é ao mesmo tempo pessoal, em espírito, e inteligente, em verdade. “Adorar em espírito significa que nós entregamos as nossas vontades à vontade de Deus, os nossos pensamentos e planos aos que Deus tem para nós e para o mundo... Em verdade significa que não estamos adorando uma “imagem” de Deus, feita segundo as nossas próprias ideias... somente Cristo nos apresentou ao Deus ‘verdadeiro’ ou real”.³³ A palavra-chave em toda esta ideia é Pai. Ele é o Objeto de adoração e aquele que procura os que o adoram em espírito e em verdade. “Quando Deus se revelar como o Pai universal... as limitações de espaço estarão acabadas e tanto o conhecimento quanto a adoração a Deus serão mediados por meios puramente espirituais”. A natureza do objeto de adoração, Deus é Espírito (24; cf. 1 Jo 1.5; 4.8), determina as condições necessárias para a adoração. Importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade (24).

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CABRAL, Elienai. **E o Verbo se Fez Carne – Jesus sob o olhar do Apóstolo do Amor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: E o Verbo se Fez Carne – Jesus sob o olhar do Apóstolo do Amor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As Promessas de Deus São Infalíveis**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.

- NEVES, Natalino das. **A verdadeira adoração**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **A verdadeira adoração**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A verdadeira adoração**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.